

Prólogo

Enquanto eu caía naquela cachoeira, eu não sentia nada. Eu deveria sentir uma dor intensa devido ao ferimento que tinha em meu peito; deveria sentir a minha vida se esvaindo tão rápido quanto a queda de uma estrela cadente; deveria sentir o vento roçando meu corpo, mas incapaz de sustentá-lo no abismo; deveria sentir a tontura devido à queda vertiginosa...

No entanto, não foi nada disso que eu senti. Porque todas essas sensações eram infinitamente menores diante da dor suprema que tomava meu ser. A dor da certeza de que eu não teria tempo suficiente para estar ao lado dela. Nunca mais poderia olhar em seus olhos, afagar seus cabelos, contemplar o seu sorriso encantador. Nunca poderia confessar-lhe que eu era apaixonado por ela desde o primeiro dia em que a vi.

Mas, além de tudo isso, havia um desejo poderoso: de que eu tivesse, com meu pequeno sacrifício, salvado sua vida. Era tudo o que eu queria... Que ela continuasse a viver por nós dois. Esse foi o meu último pensamento, enquanto tudo ficava turvo.

1- O Mago da Medicina

18 de Março de 2010.

É um manhã de sol em Maringá, no noroeste do Paraná, sul do Brasil. Dois homens se encontram no Parque do Ingá. A descrição com que se movem demonstra que o que estão fazendo não seria muito honesto se feito às claras. Apesar de ser um lugar público, eles se sentem protegidos. As pessoas que poderiam suspeitar deles estão longe dali.

-Interessante, o ponto de encontro que você escolheu. – diz o primeiro, o mais jovem.

-É para ser mais apelativo – diz o outro. – Contemple a beleza da flora ao seu redor e veja se consigo te convencer a trabalhar para o nosso pequeno grupo.

-O seu pequeno grupo tem interesses que são contrários aos meus princípios morais. Não posso fazer o que está me pedindo. Isso é espionagem...

-Meu caro amigo, nossa organização não está presa a um único país. Temos poder financeiro muito superior ao que o seu país pode financiar. Ele levaria anos para colocar um medicamento no mercado, nós o colocaríamos em meses. Só no que pensamos é no bem estar da população... em salvar vidas.

-Não me leve a mal, mas se estão tão interessados, por que vocês não contratam um grupo de cientistas para fazer suas próprias pesquisas?

-Nós já temos gente trabalhando, mas parecem não ser tão eficientes quanto o Dr. Frank. Só o que queremos é que você observe tudo o que for analisado e nos envie um relatório. Garanto que será muito bem recompensado. –dizendo isso mostrou um papel onde estava anotado o valor de uma alta soma em dinheiro- Podemos contar com você?

O jovem pareceu rendido às palavras do interlocutor.

-Tudo bem! –concordou, enquanto abaixava a cabeça. Talvez, lá no fundo, a consciência o acusasse de quão vergonhosa era sua atitude.

-Espero boas novas em breve. –disse o homem mais velho, já se distanciando.

O mais moço caminhou na direção contrária. Apesar da discrição com que se moveram, o jovem não foi bem precavido. A bolsa que trazia a tiracolo poderia identificá-lo:

Medicina – Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Mas não havia ninguém observando-os. Então ambos apenas seguiram sorrateiros, deixando o parque na mesma harmonia, como se nunca tivessem estado ali.

11 de outubro de 2011.

Victor olhou-se no espelho para ver se estava apresentável. Observou o rosto jovem de vinte e sete anos que lhe sorria no reflexo. Seus olhos azuis, pareciam mais intensos naquela manhã, talvez refletindo a cor da camisa azul escura que usava. Penteou os cabelos loiros e curtos, finalizando com gel. Gostava de vê-los impecáveis.

Procurou a chave do carro, enquanto tentava se encontrar na bagunça que estava o seu quarto. Havia pilhas de caixas cheias de livros e roupas que precisavam ser organizadas. Ele havia se mudado há doze horas. Teve tempo apenas para descansar e agora precisava conhecer seu novo local de trabalho.

-Não deve ser tão diferente. - disse para si mesmo, numa tentativa inútil de se acalmar. -Geralmente os hospitais têm o mesmo padrão familiar: paredes em tons claros, longos corredores e muitos pacientes.

Mas o diferencial deste hospital era que ele pertencia a uma universidade e Victor não tinha sido contratado como médico, mas como professor universitário para substituir um membro do corpo docente que precisara se ausentar no final do ano letivo. Lecionaria algumas disciplinas

em sala de aula, mas também ficaria uma boa parte do tempo no hospital, auxiliando os alunos em suas atividades práticas.

Apesar da preocupação, Victor sentia-se grato por ter conseguido alugar um apartamento no centro da cidade. A vista era maravilhosa. A Catedral se destacava entre os edifícios, com sua imensa torre apontando para o infinito. Também era possível ver muito verde. Talvez fosse por isso que intitulavam Maringá de cidade verde.

Ainda não tinha chegado à conclusão se gostava ou não do lugar. O tempo iria dizer. A cidade era uma metrópole localizada no noroeste do Paraná, cercada por várias cidades que dependiam dela para viver: Sarandi, Mandaguaçu, Paiçandu, Mandaguari, entre outras. Todos os dias recebia inúmeros trabalhadores que se deslocavam das diferentes áreas metropolitanas para trabalhar na indústria e no comércio.

Aos finais de semana, Maringá oferecia diversão para todas as idades. Tinha shoppings, bares, parques, cinemas. Tanto os amantes da vida urbana quanto os amantes da natureza se sentiam privilegiados.

Assim que encontrou a chave, Victor dirigiu-se imediatamente para a porta. Não queria chegar atrasado. Mesmo de carro, ele levaria alguns minutos para chegar à universidade. Pelo que pôde observar no mapa, ela era grande como uma cidade. E como recebera um recado para ir direto ao departamento de medicina, teria um longo percurso pela frente.

Dirigiu pelas ruas observando todos os detalhes. Era um cotidiano urbano de vida agitada. O verde não defendia os habitantes do stress. Carros e motos se aglomeravam na avenida Colombo, enquanto esperavam o semáforo abrir.

Logo ele avistou a universidade. Não havia muros ou qualquer outra proteção na frente da reitoria. A cerca ficava além. O campus se iniciava a partir do gramado, onde tinha o nome da instituição esculpido em letras de concreto - Universidade Estadual de Maringá – associado a uma logomarca única, com formato triangular.

Percebeu que o antigo e o moderno se confundiam. Havia construções de madeira e outras de tijolos à vista em um tom marrom avermelhado. A frente era bem arborizada; Ypês, flamboyants, quaresmeiras, coqueiros.

Verificou o mapa novamente, apenas para se certificar, e constatou que o departamento de Medicina ficava praticamente do outro lado, junto ao Hospital Universitário (HUM).

Após mais alguns minutos, chegou ao seu destino. Decidiu buscar informações primeiro no hospital. Talvez fosse mais fácil localizar o Dr. Osvaldo Lemos, coordenador do curso de medicina.

Eram as primeiras horas da manhã, mas já havia uma longa fila de pacientes no hospital.

Victor dirigiu-se a recepção. Tinha um balcão central, onde a recepcionista fazia o atendimento.

-Bom dia! Meu nome é Victor Arantes. Por gentileza, gostaria de falar com Dr. Osvaldo Lemos. Onde posso encontrá-lo?

A mulher devia ter uns quarenta anos. Ela o olhou por sobre os óculos.

-Do que se trata, meu jovem?

-Sou professor universitário. Estou começando essa semana. Tenho uma reunião marcada com ele às oito horas da manhã.

-Professor? –Perguntou ela com um evidente olhar de descrença.

-Sim. –respondeu Victor, sereno.

-Ele está aqui no hospital. Vou tentar localizá-lo. –ofereceu ela.

Victor observou-a fazer uma ligação. Ela trocou algumas palavras e quando desligou, o ar de descrença fora substituído por curiosidade. Ela deu um sorriso.

-Seja bem-vindo, professor. Aguarde só um instante. Dr. Osvaldo já virá vê-lo.

-Obrigado! –respondeu Victor se afastando. Percebeu que a mulher segredava algo para duas enfermeiras que estavam próximas. Elas olharam furtivamente para ele.

Após alguns minutos, um homem de porte médio, com os cabelos grisalhos, adentrou o recinto.

-Você deve ser o Dr. Victor – ele estendeu a mão num cumprimento. – sou o Dr. Osvaldo. Seja muito bem-vindo!

-É um prazer conhecê-lo! –respondeu Victor, simpatizando-se imediatamente com o outro.

-Por favor, me acompanhe. Vou recebê-lo em meu consultório. – e após uma pausa -Espero que esteja gostando de nossa cidade.

-É um lugar agradável! -respondeu Victor, enquanto o seguia pelos corredores lotados de pacientes e profissionais da saúde que iniciavam sua rotina de trabalho. –Tem muito verde. É uma das coisas de que mais sentia falta em São Paulo.

-É bom saber que gosta da natureza. –disse o doutor abrindo a porta do consultório. –Entre, por favor. Fique à vontade.

Assim que se sentaram, Dr. Osvaldo continuou:

-É um médico jovem, Dr. Victor.

Victor prendeu a respiração. Será que Dr. Osvaldo não o achava competente para a vaga que ele conquistará em um concurso? Mas antes que dissesse algo, o coordenador prosseguiu:

-Seu currículo me deixou impressionado. Ingressou na faculdade com dezesseis anos, cursou mestrado logo após fazer sua residência e ainda encontrou tempo para desenvolver suas pesquisas e trabalhar em uma clínica.

-Não sei se aceito como um elogio, doutor. –Victor estava encabulado.

-Sim, aceite como um elogio. E devo dizer que é bem difícil alguém me impressionar.

Victor ficou calado. Ele dava o seu melhor por ele mesmo e não porque esperasse por aprovação dos outros. Contudo, naquele momento, era diferente. A palavra de Dr. Osvaldo tinha um grande peso.

- Mas tem mais uma coisa: Vi que sua especialidade era tratar pessoas com câncer. Posso perguntar o porquê? –inquiriu Dr. Osvaldo.

Essa pergunta não era nova para Victor, mas ele tinha dificuldades para respondê-la. Essa era a resposta porque ele se dedicara de corpo e alma a medicina.

-Eu tinha dez anos, quando meu irmão mais velho, que na época tinha treze anos, foi diagnosticado com leucemia. Ele era uma pessoa jovem, cheia de vida, apaixonado pelos esportes, e em menos de três meses, nós vimos sua vida se esvaír. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para salvá-lo, mas foi em vão. Jurei para mim mesmo, na minha inocente mente infantil, que eu nunca mais perderia um ente querido para o câncer. Foi por isso que me dediquei a medicina. Porém, ao longo do tempo descobri que é simplesmente inevitável. Não temos controle sobre o que acontece em nossas vidas. Existem doenças que estão além da medicina. O senhor, melhor do que eu, com toda a sua experiência, é capaz de compreender isso.

-Sim, Dr. Victor. Mas devo ser honesto. Quando vi sua idade, fiquei impressionado com suas respostas para as dúvidas que levantamos em seu teste de admissão. Perdoe-me se fui indiscreto, mas eu tinha que saber mais a seu respeito. Busquei seu histórico no hospital em que trabalhava e fiquei intrigado. Muitos casos em que a Medicina, pelo menos aos meus olhos, dizia não ter cura, você conseguiu resultados positivos. Pode me dizer a que atribui esse sucesso?

Victor não sabia se estava feliz ao perceber que o médico já o tinha em tão alta consideração ou intimidado. Honestamente não era essa a recepção que esperava.

-Dr. Osvaldo, pode parecer charlatanismo, mas em relação ao câncer, sou adepto da teoria, que independente do caso, você precisa ter esperança. Não pode simplesmente desistir. Quando o paciente desisti, já entrega cinquenta por cento das chances que tem de viver. Claro que sempre fui bem objetivo com os meus pacientes e contei a causa real de suas doenças. Mas isso não me dava o direito de sentenciá-los à morte.

-Bem, é possível que seja isso mesmo. Mas vou dizer o que penso: para mim, Dr. Victor, você percebe algo que nós não percebemos. Por isso, eu te digo, tê-lo em nossa universidade é um privilégio imenso. As portas estão abertas para que você possa exercer a docência, como também para desenvolver qualquer pesquisa. Aliás, gostaria que participasse de um projeto no qual estamos trabalhando. Creio que será de seu total interesse. Mas antes, deixe-me orientá-lo à respeito das aulas. Enviei-lhe um e-mail com seus horários de aulas e ementas das disciplinas que irá lecionar. Não sei se você teve a oportunidade de ver...

-Sim, verifiquei ontem, um pouco antes de deixar São Paulo.

-Ótimo! Mas devo avisá-lo de que as aulas só retornarão na próxima segunda-feira. Estamos em uma semana de recesso, devido aos feriados que teremos... Você terá uma semana para se preparar. Tenho certeza de que fará um ótimo trabalho. E qualquer coisa que precisar, eu estarei aqui.

-Obrigado, Dr. Osvaldo. – Victor sorriu aliviado.

-Tem alguma coisa que gostaria de perguntar?

-Tenho algumas dúvidas, mas a maioria diz respeito ao hospital. Acho que será melhor perguntar à medida que conheço o espaço.

-Perfeito. Então, vamos lá.

O médico o conduziu pelos corredores, entrando em alguns recintos e mostrando as salas cirúrgicas e o que havia de mais moderno em tecnologia.

-Esse hospital foi construído no ano de 1988. Nossos recursos são limitados, mas conseguimos atender os mais diferentes tipos de pacientes, não só de Maringá, mas de toda região. É um ambiente vital para a formação de nossos acadêmicos.

Dr. Osvaldo fez questão de apresentar dois médicos que encontraram.

-Dr. Victor, quero te apresentar o Dr. Sérgio. –disse parando em frente a um médico de estatura mediana e descendência japonesa. Por trás dos seus óculos era possível notar um astuto par de olhos castanhos. –Ele é o coordenador do projeto de que falei.

-Seja bem-vindo! Será bom ter mais um membro na equipe –falou Dr. Sérgio, cumprimentando Victor com um aperto de mão. – É meio alucinante trabalhar aqui, mas creio que logo você se acostumará. Caso contrário, não se preocupe. Temos bons psicólogos na universidade.

Victor sorriu. O médico parecia ser um bom sujeito.

-E esta é a Dra. Martha. É uma das nossas melhores cirurgiãs. –elogiou Dr. Osvaldo ao apresentar a médica loira que acompanhava Dr. Sérgio. Victor supôs que ela tinha uns trinta e cinco anos.

-É um prazer conhecê-lo, Dr. Victor! Seja bem-vindo! –ela parecia ser bem simpática.

Assim que os dois médicos se distanciaram, Dr. Osvaldo levou Victor até um quarto. Um garoto de sete anos encontrava-se deitado na cama.

-Dr. Victor, eu gostaria que você desse uma olhada no caso de um paciente especial. Esse garoto chegou aqui há alguns dias. Ele mora em uma cidade próxima. Foi difícil diagnosticarmos sua doença. Digamos que ele tem um histórico de várias infecções, nunca teve muita saúde. Os exames denunciaram uma baixíssima quantidade de plaquetas no sangue. Então solicitamos um mielograma. O resultado saiu ontem à tarde.

O médico não disse mais nada, apenas entregou os papéis para que Victor analisasse.

-Um caso avançado de leucemia linfóide aguda. – constatou Victor olhando para o garoto que dormia. – O médico responsável já decidiu qual tratamento será aplicado?

- Infelizmente, nosso hospital ainda não atende casos de câncer, então estaremos transferindo para o Hospital do Câncer. – E após um momento continuou – As notícias correm rápido no mundo médico, Dr. Victor, e fiquei sabendo que você já foi requisitado para trabalhar no HC.

Victor ficou surpreso que o médico já soubesse.

-Não vou negar, Dr. Osvaldo. Já me ofereceram uma vaga e estou pensando em aceitar a oferta, uma vez que não atrapalharia minha carga horária na universidade.

-Imaginei que essa seria sua resposta. Então vou pedir-lhe um favor. Já vi casos menos graves do que o desse garoto terminarem mal no HC. E não por incompetência dos profissionais, mas porque a medicina ainda não está à altura de lidar com essa doença. Muitas vezes, não importa o esforço dos médicos, é simplesmente impossível salvar os pacientes das garras da morte.

-E o que o senhor gostaria que eu fizesse?

-Vamos passar o encaminhamento para o HC, mas quero que você seja o responsável por atender esse garoto. Estarei pedindo isso há um querido amigo meu, que é diretor do hospital... Entenda, acabamos nos afeiçoando ao menino.

-Dr. Osvaldo, agradeço a confiança em mim depositada. Contudo, eu não sou um mago da medicina. Tive sucessos, mas também muitos fracassos.

-Filho, sei reconhecer um bom médico quando vejo um. E com essa humildade você vai longe. Sei que o caso parece impossível. Não estou pedindo que o salve, apenas que tente.

-Está bem. O senhor me convenceu. – concordou Victor. - Quando ele será transferido?

-Estamos apenas finalizando alguns papéis burocráticos para transferi-lo.

-Ótimo! Quanto antes começarmos o tratamento, melhor.

-Agora vou levá-lo para conhecer o projeto. Na verdade, você não é obrigado a participar, apenas se for de seu interesse. Embora, eu acredito que terá mais motivação do que qualquer outra pessoa. – disse Dr. Osvaldo, sorrindo.

-E por que pensa isso, doutor? –inquiriu Victor, intrigado.

-Vou deixar que descubra por si mesmo. – falou Dr. Osvaldo, fazendo suspense enquanto caminhavam.

Após passarem por mais alguns corredores, eles pararam em frente a uma porta. Uma plaquinha fixada trazia o seguinte letreiro:

Laboratório Avançado – P.A.C.C.

Victor não sabia porque, mas assim que entrou naquela sala, uma certeza invadiu seu ser: A sua vida nunca mais seria a mesma.

2- Projeto Amazônia

Victor observou a grande sala com três prateleiras enormes, repletas de papéis, caixas e recipientes de vidro com amostras de plantas e répteis conservados.

-Incrível! – foi tudo o que conseguiu dizer impressionado.

Três imagens cobriam a parede de fundo: uma árvore gigantesca, a paisagem de um rio ao pôr do sol e ao centro a imagem de um homem com um filhote de onça.

-Por um instante, eu confesso, parecia que eu estava na Amazônia. – disse Victor enquanto contemplava as imagens.

-Bem -soou uma voz feminina às suas costas –, pesquise aqui por horas e você se sentirá morando na Amazônia.

Victor virou e viu-se diante de uma jovem linda, a qual todos os seus sentidos diziam estar diante de uma presença rara. E, no entanto, não tinha nada de anormal em sua aparência; cabelos longos e negros, lindos olhos castanhos que contrastavam com sua pele clara, mas a força de seu olhar e o calor de seu sorriso pareciam ser o que a tornava tão magnífica.

Dr. Osvaldo a apresentou:

-Dr. Victor, quero que conheça Amanda, uma de nossas universitárias, extremamente talentosa. Está no quarto ano de medicina. Será sua aluna em oncologia.

-É um prazer conhecê-la. - disse Victor, apertando-lhe a mão.

-Igualmente, professor.

-Amanda, você pode apresentar o projeto ao Dr. Victor? –pediu Dr. Osvaldo.

-Claro! –sua voz era contagiante.

-Dr. Victor, vou deixá-lo aos cuidados da Amanda. Ela é tão qualificada quanto Dr. Sérgio para falar sobre as pesquisas. E como eu disse antes, é uma honra tê-lo em nossa universidade.

-Obrigado, Dr. Osvaldo. Agradeço pela acolhida.

Victor observou o médico saindo e voltou-se para sua... aluna.

-Professor, por onde gostaria de começar? –perguntou ela – Alguém já te disse algo sobre o projeto?

-Digamos que o Dr. Osvaldo fez uma grande propaganda, mas até agora, tudo o que sei é o que estou vendo nesse laboratório.

- Então vamos partir do início. Digamos que tudo começou com uma pessoa. Já ouviu falar no Dr. Frank Silvestre dos Reis? –ela apontou para o homem da imagem na parede. O sujeito aparentava ter mais de cinquenta anos de idade. Tinha uma fisionomia simpática. Restavam poucos fios de cabelo em sua cabeça.

Nesse momento Victor se lembrou porque o rosto lhe parecia tão familiar.

-Sim! Ele é um grande pesquisador! Suas descobertas têm proporcionado grandes avanços na medicina.

-Isso mesmo! Ele é apaixonado pelo que faz e totalmente destemido. Atualmente encontra-se em solo amazônico. Temos o privilégio de estarmos diretamente envolvidos com suas pesquisas. –esclareceu Amanda.

-De que maneira? – perguntou Victor maravilhado, logo lembrando-se de seu amigo Maurício, que era fascinado pelas pesquisas do famoso pesquisador.

-Dr. Frank passou a maior parte de sua vida dando aulas para os acadêmicos do curso de medicina dessa universidade. E quando se aposentou decidiu desenvolver um projeto na Amazônia. Os recursos para sua pesquisa estão ligados a UEM. Todas as suas descobertas são enviadas para nosso banco de dados. O projeto se chama Projeto Amazônia – Cura do Câncer. Não sei se você observou uma plaquinha na porta com as letras P.A.C.C., elas são as iniciais do projeto.

-Vocês estão pesquisando a cura do câncer? –perguntou Victor estarecido.

-Pode parecer um projeto presunçoso... –disse ela se retraindo.

-Não é isso. –interrompeu Victor, empolgado – Sem dúvida é um projeto ambicioso, mas estou impressionado. Agora entendo o porquê do Dr. Osvaldo dizer que eu iria gostar desse projeto. As pesquisas que desenvolvo também estão voltadas para descobrir a cura do câncer... Mas, trabalhar com plantas da Amazônia, sem dúvida, amplia muito mais o horizonte.

-Então, decididamente já temos um novo membro no projeto? –sondou Amanda, fitando-o.

-Ainda não disse que sim. Terá que me convencer de que realmente vale a pena trabalhar aqui. –respondeu ele, sustentando seu olhar.

-Verei o que posso fazer... –redarguiu ela com um sorriso, convidando-o a acompanhá-la.

O laboratório era uma sala comprida e tinha três prateleiras, duas nas laterais e uma no centro, e ao fundo ficavam vários equipamentos de análise. Tinha ainda uma outra repartição, onde ficavam dois computadores.

-Como pode ver, temos muito material. –continuou Amanda - São dez anos de pesquisa e o Dr. Frank gosta de ser muito minucioso. Nessa prateleira ficam anotações de suas observações.

-É muita informação... Como vocês catalogam?

-Nós catalogamos por data de chegada e colocamos uma etiqueta com numeração e tópico de assunto. Temos uma planilha simples no computador, que permite localizar rapidamente o que queremos. E lógico: Tudo o que é mais importante fica arquivado em um sistema criado especialmente para o projeto.

Victor estava impressionado. Qualquer um ficaria.

-E aqui – continuou Amanda conduzindo-o até os recipientes com répteis e outros com plantas -ficam algumas espécies que analisamos.

-E como vocês desenvolvem o projeto? Cada um tem uma função? – ele perguntou, enquanto observava alguns frascos.

-Temos muito trabalho. Mas não temos funções divididas, com exceção do Dr. Sérgio que é o coordenador. Esse ano só temos estudantes do quarto, quinto e sexto ano trabalhando no projeto. A cada dois meses, Dr. Frank envia um síntese de tudo o que pesquisou, em caixas. A nossa responsabilidade é observar tudo. Também temos dados que são enviados por e-mail. –explicou Amanda.

- Desculpe, interromper sua linha de raciocínio... Mas porque trabalhar somente com veteranos? Penso que seria uma ótima oportunidade de aprendizado para as outras turmas.

-Quando o projeto começou, Dr. Sérgio não tinha preocupação com o nível de conhecimento dos alunos. Mas nos últimos anos tornou-se necessário um alto nível. Então, no início desse ano ele tomou a decisão de trabalhar somente com alunos dos três últimos anos do curso.

-Olhando por esse ângulo, é uma decisão sábia da parte dele.

-Talvez seja relevante dizer que quando Dr. Frank iniciou suas pesquisas, seu único objetivo era pesquisar as propriedades medicinais das plantas da Amazônia. Somente, alguns meses depois ele focou sua pesquisa na cura do câncer. –acrescentou Amanda.

-E na sua opinião, ele já está próximo de descobrir a cura?

-Para responder essa pergunta, acho melhor te mostrar algo. –disse Amanda.

Ela conduziu Victor até o computador e abriu uma simulação que o doutor havia enviado.

–Uma fórmula que o Dr. Frank desenvolveu aproximou-se muito do que poderíamos chamar de cura. Ele fez alguns testes em humanos. Mas, infelizmente ainda não obteve sucesso. É como se faltasse apenas um pequeno elo.

Victor analisou a simulação, com representações do medicamento atacando as células cancerígenas, e logo uma dúvida surgiu em sua mente.

-Mas ele está focado em apenas um tipo de câncer? Afinal, temos mais de cem tipos...

-No início ele estava obcecado pelos mais comuns. –respondeu Amanda - Ele imaginava que deveria ter um meio de impedir que uma

doença dizimasse tantas vidas. O doutor descobriu uma substância em uma espécie de Jupindá, que talvez fosse a ideal. O povo da floresta a usa para cura de doenças no fígado, úlceras e estômago. Durante vários testes, ele começou a perceber, que por mais incrível que isso possa parecer, essa planta tinha potencial para curar não apenas um tipo de câncer, mas todos.

-Mas isso é impossível! – disse Victor.

-Nós também éramos céticos com relação a isso. Mas, após vermos os testes, percebemos que não é tão absurdo. Por mais diferentes que sejam os tipos, o nome ainda é um só. A raiz do câncer está nas células que se multiplicam errado. Contudo, apesar de tantas análises, não chegamos à cura. Sabemos apenas que estamos no caminho certo. Eu acredito que ele irá conseguir desenvolver esse medicamento em breve.

-Fascinante! – exclamou Victor impressionado – É um grande avanço o que ele conseguiu alcançar. A partir dessa análise muitas outras coisas já podem ser descobertas.

Amanda se voltou para algumas pastas e as abriu, mostrando algumas plantas e as respectivas descobertas que haviam feito. Por fim, mostrou frascos e uma caixa que ainda aguardavam pela análise.

-Ao todo, quantas pessoas participam do projeto? –perguntou Victor.

-Não somos em muitos. Tem o professor Sérgio, a professora Martha, Andressa, Luan, Douglas e eu. E como o Dr. Frank começou suas pesquisas há dez anos, muitos universitários e médicos já passaram por aqui.

-E há quanto tempo você está no Projeto?

-Eu sou apaixonada pela pesquisa. Estou aqui desde que comecei meus estudos. Mal sabia alguns termos científicos e já estava adentrando no assunto.

Victor olhou-a surpreso. O elogio que Dr. Osvaldo tinha feito a Amanda, não era desmerecido. Ela era uma pessoa muito dedicada.

-E então? –perguntou Amanda – Consegui te convencer a participar do Projeto?

Ele fez uma cara, como se ainda estivesse em dúvida, e depois sorriu:

-Seria louco se não aceitasse uma oportunidade dessas. Quando posso começar?

Amanda deu um sorriso.

-Seja bem-vindo, professor! Dr. Osvaldo vai ficar muito feliz. Pode começar de acordo com o seu tempo... Nós alunos devemos trabalhar pelo menos quatro horas semanais. Quanto aos professores, são livres para dar sua contribuição de acordo com seu tempo livre. Mas, com certeza, Dr. Sérgio irá explicar melhor.

-Você se importa, se eu começar agora? Não tenho nada programado para o período da manhã...

-Não. Ao contrário. Temos muitas coisas para fazer.

Amanda foi até um armário e mostrou onde ficavam alguns utensílios básicos: jalecos, luvas, máscaras...

-Sugiro que primeiro você leia algumas das nossas descobertas para entender a pesquisa, nossa evolução e onde estamos agora... e depois poderá ajudar a analisar as informações da caixa que chegou no mês passado. Ainda têm muitas coisas.

-Ótimo! –disse Victor sentando-se a uma mesa, enquanto Amanda lhe entregava um livro grande.

-Vou analisar algumas plantas. Se tiver alguma dúvida, é só me chamar.

Victor perdeu a noção do tempo, enquanto lia aquelas páginas. Como prometido, quando algo estava confuso, Amanda vinha até ele e explicava com paciência e sabedoria. Ele percebeu que trabalhar ao lado dela seria uma experiência enriquecedora. Seu nível de conhecimento era muito alto. Pôde observar que sua dedicação ao projeto fez com que ela desenvolvesse habilidades que muitos médicos conquistavam somente após especializações ou até mestrado.

Uma batida na porta sobressaltou a ambos. Estavam tão entretidos com as pesquisas, que haviam se esquecido do mundo exterior.

Dr. Sérgio entrou na sala. Um sorriso de animação brotou em seu rosto ao ver Victor já envolvido com o projeto.

-Vejo que a Amanda já o atualizou de tudo e também o convenceu a trabalhar conosco.

-Sim. É uma boa causa. –disse Victor. –E também estou impressionado com as descobertas que vocês fizeram.

-Bem, sinta-se à vontade para participar do projeto. Escolha o horário que é melhor para você. Como vê, temos uma grande quantidade de informações para serem analisadas. – e voltando-se para Amanda - Amanda, vou roubar seu mestre. O Dr. Osvaldo quer que ele analise o quadro de um paciente que será transferido.

Victor olhou para ela.

-Obrigado pelas explicações. Com certeza pretendo trabalhar bastante no projeto. Espero que possa me ajudar até que eu entenda tudo.

-Claro! É só me procurar.

Já saindo do laboratório, Victor lembrou-se do garotinho que Dr. Osvaldo lhe mostrara pela manhã. Com certeza era sobre ele que iriam falar. Imaginou que se pudessem descobrir a cura do câncer, muitos sofrimentos poderiam ser evitados. Esse era um forte motivo para dedicar seu tempo no projeto. Mas havia um outro motivo que ele tentava a todo custo ignorar: Amanda. Ela o deixara impressionado.

Mas ele era um médico. Um homem prático e racional. Sabia que não poderia existir nada entre ele e uma universitária. O certo era manter-se o mais profissional possível. Ele conseguiria.